

A teoria da ciência de Kuhn e a sociologia de Bourdieu: as diferenças

ALFREDO JOSÉ DA VEIGA NETO

APRESENTAÇÃO

Em trabalho anterior (Veiga-Neto, 1992), procurei identificar, na obra de Thomas Kuhn, as categorias fundamentais na Sociologia de Pierre Bourdieu, tais como espaço social, campo, habitus, poder simbólico e autoridade pedagógica, de modo a que se revelassem as aproximações entre os dois autores. A partir daí, penso ter demonstrado que ambos partilham de um mesmo estruturalismo-constructivista, ou vice-versa, e que uma combinação entre suas visões pode resultar no enriquecimento das análises sobre a natureza do conhecimento científico e sobre os processos sociais, basicamente educativos, que o constroem e o determinam. Assim, só para citar um exemplo, o papel que a Reprodução (cultural e escolar) desempenha, na manutenção do status quo, é tão central em Bourdieu quanto o é em Kuhn.

Nesse exercício de buscar conexões, foi com alguma intenção que deixei de analisar as diferenças entre os dois autores. Tratava-se, então, de dar destaque à conciliação entre duas versões aparentemente independentes, deixando para depois a discussão sobre as suas diferenças. Com isso, não só nos vai ficando mais claro que ambos tematizam sobre mundos muito

1. INTRODUÇÃO

Em parte por precedência temporal e em parte por mudança de objeto de investigação, não se encontra, na obra de Thomas Kuhn, referência explícita a Pierre Bourdieu. Em resumo, a trajetória kuhniana pode ser dividida em três fases: o primeiro Kuhn ocupou-se da história da revolução copernicana e de seus resultados na cultura ocidental moderna; o segundo, a partir de suas experiências como professor de Física e a partir de seus estudos históricos da primeira fase, construiu uma Teoria da Ciência totalmente inovadora para a época (fins da

próximos, ainda que cada um com seus próprios óculos, como, também, nos possibilita uma abordagem de natureza dialética, com toda a sua riqueza e potência epistemológica e analítica.

É essa discussão sobre as diferenças entre a Teoria da Ciência de Kuhn e a Sociologia de Bourdieu que desenvolverei, a partir de agora, neste trabalho. Para tanto, considero que, tendo feito já uma exposição geral sobre as idéias e conceitos dos dois autores, além de analisado suas conexões, posso passar de imediato a discutir suas diferenças e o significado delas para as análises do conhecimento científico, principalmente no que se refere à sua sociologia e à sua produção.

Os aspectos mais controversos que analisarei podem ser agrupados nas seguintes seções:

1. Introdução
2. As diferenças
 - 2.1. Submissão paradigmática ou luta social?
 - 2.2. Indiferenciação ou diferenciação?
 - 2.3. Princípios gerais ou propriedades particulares?
 - 2.4. Teoria ou Ideologia da Ciência?
3. Conclusão

década de 50); o terceiro Kuhn, a partir dos anos 70, voltou-se para uma temática específica, a saber, a história da Teoria dos Corpos Negros. Assim, é no segundo Kuhn que temos de procurar as possíveis conexões com Bourdieu. Conforme já referi, tais conexões são muitas, mas nunca explícitas.

Com Bourdieu, dá-se o contrário: sua imensa e variada obra revela um continuum em busca permanente de melhores conceitos, melhores aproximações e melhores interpretações sociológicas, quaisquer que sejam os objetos e problemas a que ele e sua equipe se dediquem. Além disso, encontram-se, em vários

de seus escritos, referências explícitas à obra de Kuhn, em geral feitas, na minha leitura, em tons ácidos e com pouco detalhamento.

Não trato, neste trabalho, nem de fazer uma resenha dos escritos bourdieanos que tematizam sobre a Sociologia da Ciência, nem, tampouco, de fazer um inventário das passagens em que o autor refere-se à obra de Kuhn. O que interessa, no caso, é analisar suas obras, de maneira panorâmica, e sublinhar as diferenças e divergências entre ambos.

2. AS DIFERENÇAS

2.1. Submissão paradigmática ou luta social?

Onde Kuhn vê submissão, conformação e reprodução, Bourdieu vê luta, rebeldia e resistência. O conceito de paradigma, central em Kuhn, como matriz disciplinar, estrutura estruturada que estrutura a prática normal, não se iguala mas se liga ao conceito de *habitus*, central em Bourdieu. Mas, enquanto aquele fundamenta sua análise do campo científico pelo partilhamento de paradigmas (o que, como de resto já comentei no trabalho anterior, lhe trouxe críticas de circularidade e o obrigou a redefinir comunidade científica em termos mais sociológicos, no Posfácio d' "A Estrutura das Revoluções Científicas" (Kuhn, 1978)), Bourdieu entra no problema por outra via. Enquanto que a entrada do primeiro é mais do tipo epistemológico, a do segundo é nitidamente do tipo sociológico (Duncan, 1990).

Antes de prosseguir, alerta para o perigo de confundir a idéia contida no primeiro parágrafo dessa secção com uma aproximação de Bourdieu à teoria popperiana da Ciência. Como salientou Lakatos (1979), onde Kuhn vê continuidade, Popper vê revolução. Mas é claro que o falseacionismo, seja ingênuo ou sofisticado, não tem conteúdo sociológico, ou melhor, não se estabelece a partir de qualquer categoria sociológica, além de, no meu e no entendimento de muitos, ser uma prática idealizada, sem correspondente factual que o sustente. O conceito de revolução e mudança, para Popper, nada tem a ver com os conceitos de luta e resistência de Bourdieu.

Voltando às vias de entrada, constata-se que o poder analítico e explicativo da proposta bourdieana supera a proposta de Kuhn, conforme discutirei com mais detalhe na próxima secção. Esse poder decorre do fato de que, vista como um jogo de interesses intrínsecos e extrínsecos em que toda a ação está norteada

pela busca da autoridade (no caso, científica), para uma acumulação cada vez maior de capitais simbólicos, a prática científica, para Bourdieu, se desenvolve não segundo uma lógica imanente (interpretação idealista de que Kuhn é acusado pelo francês (Bourdieu, 1983)), mas segundo uma lógica sobredeterminada socialmente.

Como uma ressalva, sugiro que o idealismo kuhniano não deve ser tomado num sentido amplo, inqualificado, mas que, talvez, possa ser adjetivado de objetivo. O quanto possa estar impregnado de uma postura crítica, na acepção da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, penso que é assunto a ser, ainda, esclarecido.

A sobredeterminação social do fazer científico não deve nos induzir a ver esse fazer como o resultado de uma conjugação de opostos: um interno, essencialmente epistemológico, puro, científico, e outro externo, social, humano. Tal interpretação platônica é rejeitada tanto por Kuhn quanto por Bourdieu. Mas esse é mais contundente e trata de modo indissociável o científico e o social, o epistemológico e o político; não como dois opostos, mas como constitutivos inseparáveis, eu diria que mesmo dialeticamente, do fazer científico. E mais, Bourdieu aplica a esse fazer todos os recursos de sua Sociologia, exatamente por considerar o campo científico como mais um dentre os muitos constitutivos do todo social. É assim que a sua Sociologia da Ciência se mostra mais ampla e mais "sociológica" do que a contida na Teoria da Ciência de Kuhn.

2.2 Indiferenciação ou diferenciação?

Nem Kuhn é sociólogo nem Bourdieu é epistemólogo. Se isso já fica visível pela via que cada um toma para entrar na análise da Ciência, fica muito claro pelos aprofundamentos diferentes que eles imprimem em suas discussões.

Assim, por exemplo, enquanto que, para Kuhn, a autoridade científica emana de uma maior habilidade em montar, da melhor maneira, as peças do quebra-cabeças que é a ciência normal, para Bourdieu essa autoridade emana da "luta em que cada um dos agentes deve engajar-se para impor o valor de seus produtos e de sua própria autoridade de produtor legítimo" (Bourdieu, 1983, p.127), bem como para "impor uma definição da Ciência ... que mais esteja de acordo com seus interesses científicos" (Bourdieu, 1983, p.128).

A partir disso e da constatação de quanto maior for a autonomia de um campo, como o científico, mais especializada é a concorrência,

isso é, mais restrito é o número de agentes capazes de reconhecer o valor de um deles (o que, por sua vez, é feito com tanto mais rigor quanto mais autônomo for o campo), Bourdieu conclui que a Ciência não é "o sistema de normas e valores que a Comunidade científica, grupo indiferenciado, imporia e inculcaria a todos os seus membros" (Bourdieu, 1983, p. 128-129). Essa interpretação, tematizada por Durkheim e tomada, depois e sem referências a essa origem, por Kuhn, não passa, para o francês, de uma ideologia imposta pelos agentes dominantes do campo científico e, enquanto tal, não passa de um arbitrário que oculta as antinomias da legitimidade.

A indiferenciação, característica que delimita, para Kuhn, uma comunidade adepta de um paradigma, tem, nessa perspectiva, sua gênese a partir da Educação Científica, conformadora e inculcadora de uma visão específica ou paradigmática de mundo. Bourdieu também confere à Educação, em geral, esse papel conformador e inculcador de um habitus científico. Mas não lhe reconhece força suficiente para sobredeterminar as práticas do fazer científico, antes sujeitos às relações de forças também atuantes no espaço social mais amplo. Dessas relações resulta que todos lutam, eu diria que dentro e entre paradigmas, na busca da acumulação de capitais simbólicos que permitam, a cada agente, a distinção e, conseqüentemente, a legitimidade para impor ao campo seus próprios critérios de julgamento e princípios de hierarquização, num permanente processo de auto-afirmação, sempre em busca da ampliação de seu espaço no campo. Esses capitais simbólicos manifestam-se de variadas formas e podem ser transmutados (convertidos) em outros capitais que circulem em outros campos sociais. Ainda que não seja, nem sempre nem para todos, importante lançar mão dessa transmutação, sem dúvida essa possibilidade contribui para que muitos agentes dediquem-se, com especial e muito visível afincamento, à prática da acumulação de bens simbólicos de alta cotação e fácil liquidez nos mercados de outros campos sociais.

Outros sinais dessas lutas científicas pela legitimidade são dados, por exemplo, pelas estratégias (de conservação, dos dominantes e de sucessão, dos novatos). Isso se aproxima do conceito kuhniano de tenacidade variável. Mas tem-se de reconhecer que o poder explicativo do modelo proposto por Kuhn para o funcionamento dessa propriedade é muito mais modesto do que o modelo proposto por Bourdieu, cuja descoberta de que a propensão a essas estraté-

gias "é tanto mais dependente das disposições em relação à ordem estabelecida quanto maior for a dependência da ordem científica com relação à ordem social dentro da qual ela está inserida" (Bourdieu, 1983, p. 139), novamente revela uma análise sociológica penetrante e insere a Sociologia da Ciência numa Sociologia Geral, ou seja, articula a parte (científica) com o todo (social).

Em resumo: onde Kuhn vê indiferenciação, Bourdieu vê diferenciação.

2.3. Princípios gerais ou propriedades particulares?

Conforme já comentei, Kuhn foi buscar na revolução copernicana a "inspiração" para a sua Teoria da Ciência, aliando seus estudos históricos com suas experiências no ensino da Física, de modo a construir uma teoria geral aplicável a outras áreas do conhecimento e a outros períodos da História. Essa aplicação é vista, por Bourdieu, como inapropriada, a ponto de acusar explicitamente Kuhn de ter simplesmente invertido o modelo positivista tradicional segundo o qual a Ciência resolveria todos os problemas que ela mesmo coloca, de modo que de sua rotina resulta um progresso contínuo, fruto da acumulação de conhecimentos, de medidas mais acuradas, de retificações sucessivas dos conceitos. Para Bourdieu, Kuhn pode estar correto ao tratar das propriedades das "revoluções inaugurais da ciência debutante" (de que a copernicana é um bom exemplo), mas erra ao universalizá-la como modelo único para qualquer situação ou época (Bourdieu, 1983).

Para fundamentar sua crítica a Kuhn, Bourdieu dá um tratamento analítico mais rigoroso e mais circunstanciado, ou melhor, mais ligado às condições sociais do ambiente e da época em que se travam as lutas pelo poder no campo científico. Em decorrência desse tratamento, Bourdieu faz descobertas interessantes como, por exemplo, de que as revoluções que dão origem a um novo paradigma são promovidas pelos possuidores de expressivos capitais científicos (e até mesmo de capitais não científicos que são transferidos, de um campo socialmente superior, para a Ciência).

Assim, mais uma vez, a força explicativa das interpretações bourdieianas para a ruptura paradigmática parecem dar mais conta dos problemas que cercam as revoluções científicas do que a Teoria da Ciência de Kuhn, a qual tem se mostrado praticamente incapaz de fornecer critérios objetivos que expliquem a partir de que "quantidade" e qual a "intensidade" de anomalias

lias se dá o abandono de um paradigma em favor de um outro, para o qual elas deixam de ser anomalias (ou porque são incorporadas ou porque já não têm sentido).

Aqui, uma defesa de Kuhn pode estar na afirmação de que, por se tratar a Ciência de um fenômeno de determinações históricas, não há muito sentido em se procurar critérios universais a partir dos quais seria possível prever objetivamente os estados de anomalias que implicariam mudanças de paradigmas.

Em resumo: onde Kuhn vê princípios gerais, Bourdieu vê propriedades particulares.

2.4. Teoria ou Ideologia da ciência?

Talvez a crítica mais ácida de Bourdieu a Kuhn se encontre nas afirmativas de que as teses contidas n' "A Estrutura..." nada têm de radicalmente novo, ao menos para os leitores de Bachelard, e de que Kuhn tematiza uma ideologia e não, propriamente, uma Teoria da Ciência pois, entre outras coisas: 1º - nunca se sabe se suas teses descrevem ou prescrevem a lógica das mudanças científicas e, além disso e principalmente, 2º - Kuhn está imerso, ele próprio, nas determinações que o campo lhe impõe, ou melhor, sua epistemologia não revela qualquer propriedade de transcendência ou universalidade, mas é apenas um disfarce de estratégias ideológicas determinadas por sua posição no campo científico (ao mesmo tempo científico **stricto sensu** e político, como já comentei em 2.1).

Ainda que não seja importante, no contexto deste trabalho, a primeira crítica referida acima, não se pode deixá-la passar "impune". Em primeiro lugar, Bourdieu é completamente vago ao usar a expressão "radicalmente novo", ou seja, qual é a profundidade que se quer das raízes de um autor. Dito assim, nenhum autor poderá ser qualificado de radicalmente novo (nem o próprio Bourdieu) e, ao mesmo tempo, qualquer autor (exceto os plagiadores explícitos) poderá sê-lo (até o próprio Bourdieu). Ora, é fácil ver que o francês caiu numa contradição formal elementar, já proibida na Filosofia grega. Em segundo lugar, é tentador enxergar Bachelard na obra de Kuhn. Mas a tradição e a consequente metodologia adotada são outras. Aquele parte da Filosofia para construir sua Epistemologia; esse parte da História. Conseqüentemente, a articulação sociológica e pedagógica em Kuhn

é muito mais poderosa para a sua Teoria do que o é tal articulação em Bachelard. E mais: citar Bachelard, ao invocar a radicalidade das novidades, é, no mínimo estranho, se pensarmos no tributo que esse deve a, pelo menos, Canguillem.

Quanto à questão Ideologia versus Teoria, qualquer discussão desse tipo é, hoje em dia, problemática. Para não dizer muito, corre o risco de revelar uma possível adesão a um conceito de conhecimento científico que tende a colocá-lo acima ou adiante de outras formas de conhecimento. A idéia da isenção a doxas, mitos e ideologias no estatuto da Ciência, de resto princípio fundamental nas tradições cartesiana e positivista, talvez seja, ela mesma um mito. A possibilidade de uma meta-linguagem, na qual se estabelecesse um discurso por fim isento, e a busca de uma meta-posição privilegiada, a partir da qual se enxergasse e se analisasse com pura racionalidade o verdadeiro mundo real, me parecem fantasias otimistas que já foram, várias vezes e de diferentes ângulos, definitivamente afastadas por autores tão diferentes e tão fecundos como Wittgenstein, Goedel, Rorty e Feyerabend. E, certamente, cometo aqui uma certa injustiça em não nominar vários outros contemporâneos que apontam na mesma direção.

É claro que ter esse entendimento sobre as limitações do conhecimento humano não implica a adesão à alternativa simétrica da impossibilidade da objetividade e da ideologização completa da episteme. Implica, isso sim, não só uma permanente reserva às nossas pretensões a um entendimento completo (no sentido de abrangência e multiplicidade de enfoques) e certo (no sentido de espelhamento da realidade), como, também, o que otimismo uma atitude carregada de pessimismo otimista, ou seja, uma atitude que, sabedora da inatingibilidade dos horizontes últimos, veja, nos horizontes possíveis, fontes de sabedoria e felicidade (no sentido de Feyerabend, 1975) suficientes para lidar com os problemas de uma época ou, como diria Kuhn, para inventar os problemas e as soluções dentro de um paradigma.

Uma possível réplica kuhiana a essa crítica de Bourdieu estaria em lembrar que esse está se fundamentando, por sua vez, em um arbitrário epistemológico; sustentar uma certa superioridade ou precedência valorativa da análise sociológica repousa, talvez, mais sobre o mito do que sobre a racionalidade. O logos contemporâneo não tem muito espaço para as fundamentações últimas; procurá-las ou invocá-las nos deixa a todos vulneráveis.

3. CONCLUSÕES

Penso ter contrastado, até aqui, as idéias de Kuhn com as de Bourdieu no que concerne aos seus conteúdos mais divergentes. Para finalizar, passo a comentar a crítica de Bourdieu às influências de Kuhn sobre a Sociologia enquanto campo científico.

Para o francês, a teoria kuhniana provocou o estrago de ter incitado uns (os conservadores) à busca do estabelecimento de um paradigma único que pudesse tirar a Sociologia da fase pré-paradigmática e outros (os radicais) à revolução permanente contra qualquer paradigma ou a favor do pluralismo liberal relativista que aceita qualquer visão-de-mundo. Aqueles, defensores da ciência oficial norte-americana, sobre os quais bate duramente Bourdieu (Bourdieu, 1990); esses, críticos daqueles, mas incapazes de pensar para além dos fundamentos sobre os quais se assentam ambos, conservadores e radicais, criticados e críticos, ambos aceitando as mesmas regras de um só jogo.

É preciso postar-se, para Bourdieu, numa posição privilegiada, eu diria que supra-campo científico, para que se descubram as estratégias ideológicas que se disfarçam de epistemologias justificadoras para os agentes que as professam. Ele reconhece que uma tal posição privile-

giada é de difícil acesso, porquanto o sociólogo da Ciência está, ele mesmo, no jogo que pretende analisar; só será capaz de uma Sociologia científica (e não-ideológica) da Ciência se conseguir enxergar não só as estratégias de seus adversários mas, também e ao mesmo tempo, o jogo em seu conjunto que, ao mesmo tempo, também determina suas próprias estratégias.

Para Bourdieu, esse distanciamento falta a Kuhn.

Concluindo, arrisco-me a sugerir que algumas das questões levantadas simplesmente não têm solução exatamente porque envolvem algumas "porções" dos objetos de análise que não têm correspondência entre os dois autores. Isso equivale, de certa forma, a invocar o princípio da incomensurabilidade, o que deixei de fazer desde as análises das conexões, no primeiro trabalho, para não cair numa contradição pragmática. Assim, essa minha sugestão poderá ser tomada como uma adesão parcial (enquanto que referente a algumas "áreas conceituais") ao princípio da incomensurabilidade inter-paradigmática. E, num exercício de autocrítica, me pergunto se, assim fazendo, não estou, eu mesmo, "salvando as aparências" (no sentido de Feyerabend, 1975) frente à minha impossibilidade de dar conta das contradições entre os dois autores analisados.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu*. S.Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. Fieldwork in Philosophy. In: _____. *Coisas ditas*. S.Paulo: Brasillense, 1990. p.15-48.

DUNCAN, I. Bourdieu on Bourdieu: learning the lesson of the Leçon. In: HARKER, R., MAHAR, C. & WILKES, C. *An introduction to the work of Pierre Bourdieu*. London: MacMillan, 1990. p.180-194.

FEYERABEND, P. *Contra o método*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

KUHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas*. 2.ed. S.Paulo: Perspectiva, 1978.

LAKATOS, I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS, I. & MUSGRAVE, A. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. S.Paulo: Cultrix, EDUSP, 1979. p.109-244.

VEIGA-NETO, A.J. A Ciência em Kuhn e a Sociologia de Bourdieu: implicações para a análise da educação científica. *Educação e Realidade*. P.Alegre, v.17, n.2, p.85-99, jan./jun. 1992.

O Prof. Alfredo José da Veiga Neto é professor adjunto do Departamento de Ensino e Currículo, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul